

"Operação Estilhaço" visou alvos civis

Três dias após uma espectacular acção armada do ANC no centro de Pretória, o regime do "apartheid" bombardeou uma povoação pacífica dos arredores do Maputo, alegadamente centro militar dos guerrilheiros sul-africanos. Mas a operação de retaliação fracassou: as unidades anti-aéreas moçambicanas repeliram os "Impala" e os "Mirages" de Botha e Malan.

Etevaldo Hipólito

A escalada de agressões desencadeadas pelos dirigentes racistas sul-africanos contra os povos da África Austral aprofundou-se nas últimas semanas com um ataque visando alvos civis nos subúrbios de Maputo e o envio de um avião militar teleguiado para sobrevoar a própria capital. Tudo isto à luz do dia e presenciado por milhares de pessoas. A forma aberta e descarada como estas operações foram levadas a cabo no território da República Popular de Moçambique constituem verdadeira declaração para uma guerra até agora não formalmente declarada por Pretória. Apesar dos esforços das autoridades moçambicanas, ela existe e tende a se ampliar cada vez mais.

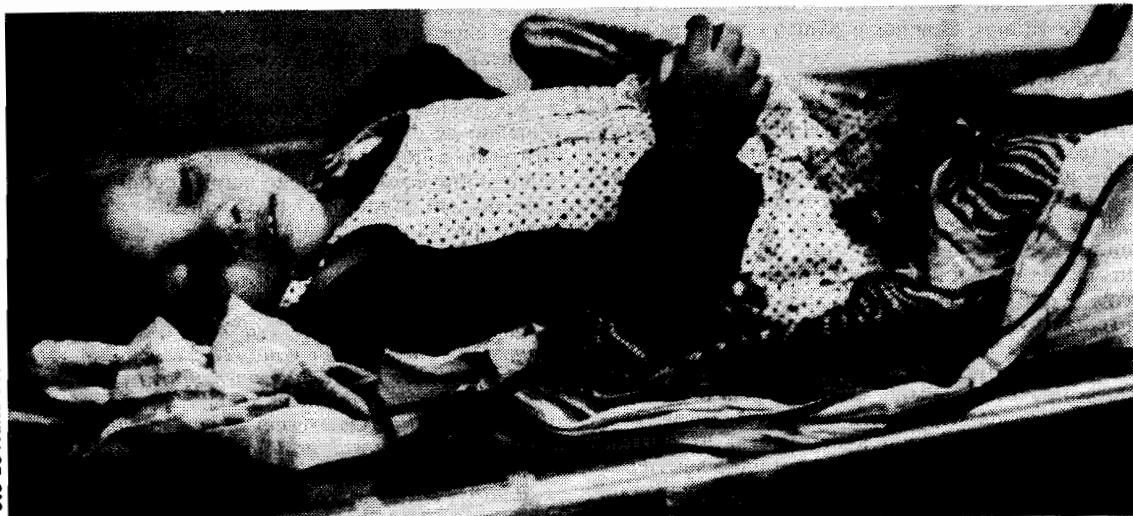
Uma prova de que o governo da África do Sul provoca deliberadamente estes conflitos e que elas fazem parte de um projecto em andamento pode ser encontrada em comentários divulgados oficial e extra-oficialmente. Ao apoiar as operações ordenadas nos últimos meses por Pieter W. Botha contra Estados vizinhos, a imprensa que serve de caixa de ressonância ao regime anunciaria que, actualmente, «existem as condições para que se verifique uma confrontação apocalíptica nesta parte do globo». Esta afirmação foi tomada diversas vezes como tónica dos comentários adiantando que, a menos que os países da região passem a afinar com a linha política sul-africana, serão intensificadas as pressões militares e económicas. Moçambique e o Reino do Lesoto encontram-se nesta primeira linha de fogo.

No dia 23 de Maio, às 7.21 da manhã, a zona urbana da Matola e os bairros Sial e Liberdade foram sacudidos por cargas explosivas de diferentes tipos despejadas de surpresa pela aviação inimiga. Tinha então início uma nova agressão, desta vez sob o nome de código de «Operação Estilhaço». Naquele momento, era intensa a movimentação em toda a área, com os trabalhadores entrando nas fábricas, donas de casa indo às compras e as crianças nas ruas a caminho da escola ou simplesmente brincando.

A região visada pelos caças-bombardeiros fica apenas a 15 quilómetros do centro de Maputo. De acordo com Paulo Mutisse, um estudante da Escola de Estado e Direito que acompanhou as manobras da esquadrilha, alguns aparelhos tentaram destruir a refinaria da PETROMOC, quando foram prontamente repelidos pelo fogo das anti-aéreas. Tendo fracassado igualmente outro ataque contra as instalações dos emissores da Rádio Moçambique e a ponte conhecida como Matola-Rio, outros aviões desceram então em voo rasante para bombardear a fábrica de doces e derivados de frutas SOMOPAL e a creche construída por esta empresa para os seus trabalhadores. Simultaneamente eram metralhadas várias residências particulares. *A gente quase podia ver a cara do piloto* — eram as declarações mais comuns recolhidas nas áreas mais danificadas. Afirmções como estas, repetidas pelos sobreviventes hospitalizados, indicam que os atacantes sabiam perfeitamente que atiravam contra civis indefesos.

Pessoas simples

A versão do governo sul-africano sobre estes factos é completamente diferente. Intencionalmente deturpada. Poucos minutos após a agressão, o general Magnus Malan, titular da pasta da Defesa, anunciava oficialmente a realização de uma fantástica operação contra «dois centros logísticos do ANC, um campo de treino militar, um posto de comando bem como um campo de trânsito para guerrilheiros que se infiltram na África do Sul». De passagem teria sido neutralizada uma base de mísseis SAM-5 que protegia as instalações do African National Congress. As afirmações de Malan foram feitas num demasiado curto período de tempo entre o término dos ataques e o regresso dos aparelhos. Em outras palavras: o texto tinha sido previamente preparado e foi divulgado mesmo sabendo que o libreto contrariava a realidade constatada por milhares de



Menina da Matola, uma das vítimas dos ataques aéreos

peçoas.

Apesar de tudo, o chefe militar racista insistiu em precisar que houve um total de 60 mortos, número que incluía pretensos guerrilheiros, soldados moçambicanos e civis vivendo nas proximidades das «bases». Para conferir credibilidade às suas declarações, a televisão divulgou um filme no qual aparece a esquadrilha antes e depois dos ataques e ainda uma maquete dos hipotéticos alvos militares. Todo este material viria a ser utilizado nas semanas seguintes para justificar não apenas esta mas outras agressões em vista.

O levantamento feito pela imprensa estrangeira — além de *cadernos do terceiro mundo* havia no local enviados especiais da *BBC* e do *Times*, ambos da Inglaterra, do jornal norte-americano *New York Times*, da agência noticiosa sul-africana *Argus*, da *Associated Press*, dos Estados Unidos, e de uma agência noticiosa portuguesa — resultou num total de sete mortos e quarenta feridos. Esta mesma cifra foi anunciada nos comunicados emitidos pelo governo de Moçambique. Na SOMOPAL, transformada pela propaganda inimiga em perigoso centro de operações do ANC, morreram Xavier Marremisse, Rosita Munamate e Ana Regina Mutombene, mãe de três filhos e grávida de quase nove meses. As restantes vítimas mortais foram uma criança de três anos, um cidadão sul-africano não identificado e Aida Joaquim Ribeiro, de apenas cinco anos de idade. Todos, sem excepção, eram pessoas simples que foram apanhadas de surpresa, as crianças brincando e os adultos no trabalho. O único militar morto foi Antonio Chandine, atingido por estilhaços quando defendia a ponte Matola-Rio.

Fracasso militar

No total, participaram na «Operação Estilhaço» catorze caças-bombardeiros, oito tipo «Impala III» e seis «Mirage». Tendo em contas as características técnicas destes aviões, conclui-se que eles levantaram

vôo da base aérea de Mkuze, situada a cerca de 80 quilómetros da fronteira entre Moçambique e África do Sul e a 55 de Ingwavuma, cidade da província sul-africana do Cabo. Por sua vez distante 190 quilómetros da Matola, este complexo militar foi concebido para operações de defesa, ataque e reconhecimento, datando a sua construção de dois anos atrás. De acordo com fontes fidedignas, os 105 especialistas que nele se encontram têm à sua disposição, além dos «Impala», uma bateria de mísseis «Cactus» terra-ar e seis aviões «Kudu» de reconhecimento. A sua pista é muito reduzida — uns 400 metros —, o que leva a pensar que os «Mirage» saíram de outra base. Uma vez consumada a agressão, o inimigo tomou a direcção da base aérea de Oedspruit, aproximadamente 250 quilómetros a noroeste da zona de operações.

O capitão Ilidio Combe, da Defesa Antiaérea, revelou em programa transmitido pela Televisão Experimental de Moçambique que os instrumentos ópticos utilizados na contra-ofensiva indicaram terem sido danificados alguns aviões sul-africanos. Esta informação foi confirmada por Pretória quando divulgou a sua versão dos acontecimentos. Combe disse ainda que quatro «Mirage» colocaram-se numa altitude bastante elevada em relação à esquadrilha, em posição de protecção. Para efectuar as operações, os «Impala III» dividiram-se em três grupos e passaram ao ataque de alvos predeterminados, um deles a refinaria da PETROMOC, bombardeada por dois aparelhos. Calcula-se em 120 o número de «rockets» utilizados no decorrer de toda a agressão, além de várias bombas e do farto disparo de metralhadoras. O militar moçambicano acentuou que a diferença do tipo de munição empregada caracterizava perfeitamente a missão: enquanto os «rockets» arterra se destinavam a objectivos precisos, o restante material de guerra visava alvos em movimento. Mais de uma vez o horário do ataque voltou a aparecer

como escolhido para provocar o maior número possível de vítimas, espalhar o pânico em outras áreas e traumatizar o país.

Um facto que de imediato chamou a atenção dos jornalistas que visitaram os locais atacados foi a aparentemente péssima pontaria demonstrada pelos pilotos sul-africanos. O número de aparelhos envolvidos na incursão, a sofisticação do seu equipamento e a experiência adquirida nas contínuas operações contra Angola deram margem a pensar que, se o ataque tivesse sido bem sucedido, os danos provocados na Matola equivaleriam a uma verdadeira catástrofe. E este era o projecto inicial de Pretória. Apesar, no entanto, das perdas humanas a lamentar, do ponto de vista estritamente militar, Pretória teve que amargar uma flagrante derrota. A desorientação dos agressores foi certamente motivada pela pronta resposta oferecida pela defesa antiaérea. Surpresos e desorientados, passaram a descarregar as baterias contra qualquer alvo que se encontrasse à sua frente. Os únicos aparelhos — dois «Mirage» — que tiveram êxito, conseguiram apenas destruir dois postes de uma subestação de energia eléctrica, no bairro de Infulene. Um desempenho demasiado modesto para tanta aparelhagem sofisticada e especialistas militares envolvidos.

Mike Zero Zero One

Num encontro mantido na torre de controlo do Aeroporto de Mavalane, o ministro moçambicano da Informação, José Luís Cabaço viria a desmontar perante a imprensa todo o esquema de propaganda montado pelo governo de Pretória. A sua exposição era acompanhada de gravações dos diálogos mantidos com aviões a partir das 7 horas, altura em que tiveram início os trabalhos do dia e culmina com a entrada em cena da mensagem dos militares sul-africanos. De acordo com as normas internacionais, todos estes contactos foram devidamente gravados de forma sincronizada, o que permitiu acompanhar passo a passo toda a movimentação daquela manhã. Planos de voo e mapas fornecidos pelo Serviço Meteorológico foram colocados à disposição dos jornalistas, que receberam toda a espécie de informações de técnicos presentes na conferência.

O ministro adiantou que a campanha de desinformação lançada pelo governo de Botha não tem nada de novo. Durante a luta de libertação do Zimbábue ocorreram agressões semelhantes e também naquela altura as incursões foram utilizadas para difundir uma imagem fabricada dos regimes minoritários da Rodésia e África do Sul. O seu objectivo era influir de maneira favorável junto da opinião pública internacional e, no plano interno, fortalecer a sua posição perante a minoria racista.

Um estratagema deste período foi agora utilizado pelo regime de Pretória. Em 1979, o Exército rodésiano lançou um ataque contra a Zâmbia sob o nome de código «Green leader», tendo o cuidado de comunicar a incursão à torre de controlo do aeroporto zambiano afirmando estar visando apenas alvos «terroristas», instalações dos nacionalistas da Frente Patriótica do Zimbábue. Desta vez, o governo de

Pieter Botha procura estabelecer traços de identificação entre uma e outra agressão na esperança de alcançar impacto interno e uma certa tolerância, internacional.

No mesmo dia da operação contra a República Popular de Moçambique, o governo sul-africano distribuía à imprensa em Pretória uma cassete contendo a gravação do diálogo mantido com a torre de controlo em Maputo. O texto em si é verdadeiro, mas o que não se disse à imprensa é que a sua emissão verificou-se quase dez minutos depois de concluída a operação. A mensagem dirigida ao aeroporto moçambicano é a seguinte:

Piloto: «This is Mike Zero Zero One. I have an importante message for you. Tell Your military HQ that aircraft are conducting operations in your area, are operating against the ANC. We have no quarrel with the FRELIMO government and any interference with these aircraft will result in immediate retaliation.»

Torre: «Say again. Say first your Call-Sign.»

Piloto: «This is Mike Zero Zero One.»

Torre: «Ok, Mike Zero Zero One, say again your message» (★).

O piloto sul-africano repete novamente a mensagem, desta vez utilizando a palavra «problem» em lugar de «quarrel», e finaliza com um «you understand?» (você compreende?).

Ao acompanhar-se a gravação cronometrada verifica-se que os dirigentes sul-africanos mentiram deliberadamente quanto ao momento em que o aviso foi transmitido. Ele é admitido, de facto, e assim aparece gravado, mas depois das comunicações feitas por dois aparelhos que realizaram naquela altura manobras no aeroporto. O primeiro deles, um DC-10 das Linhas Aéreas de Moçambique, vinha de Paris e aterrou às 7 horas e 25 minutos. O segundo, também das LAM, levantou voo às 7.34 e *somente um minuto depois* captava o contacto entre o piloto sul-africano e a torre de controlo. Pelo tempo transcorrido entre o final do ataque — 7.23 horas — e o da transmissão do aviso, comprova-se que os aparelhos da Força Aérea da África do Sul já se encontravam fora do território moçambicano quando a advertência foi feita. Segundo a versão de Pretória, a operação teve início às 7.27 horas e levou dois minutos. Portanto, se se aceita que o horário deles seja correcto, mesmo assim verifica-se que a mensagem foi transmitida 6 minutos depois de terminada a operação. Para aviões como os utilizados na incursão este é um período mais que suficiente para regressar às suas bases antes que o aviso fosse feito.

Um outro pormenor bastante importante refere-se ao momento, escolhido para a incursão aérea. Neste momento e isto é um dado que figura em todos os boletins de voo de circulação internacional, sabia-se que o espaço aéreo de Maputo estava reservado para dois aviões civis, o DC-10 proveniente da França e o Boeing 737 com destino à cidade da Beira. Atacar neste momento foi uma manobra para impedir que Moçambique empregasse meios efectivos na sua defesa. O horário de chegada do DC-10 não era difícil de ser confirmado pelos militares sul-africanos que dispõem de um sofisticado serviço de escuta aeronáutica. Ao longo do seu trajecto, o aparelho mo-

çambicano estabelecia contactos com as torres dos aeroportos de vários países, o que juntamente com a detecção aérea permitiu saber com precisão o momento da aterragem em Maputo.

Diplomatas desmentem Pretória

No meio do clamor generalizado de protesto pelo ataque, algumas vozes geralmente pouco afinadas com tais demonstrações causaram um certo mal-estar ao governo de Botha. As declarações do embaixador inglês John Stewart, feitas em Maputo depois de percorrer longamente os locais atingidos, levantaram protestos por parte do representante sul-africano em Londres, Marais Steyn. *Durante a visita do corpo diplomático aos sítios atingidos — diz Stewart — e no caso especial da fábrica SOMOPAL, estive em todos os locais espreitando por todos os lados e a conclusão que tirei é de que a fábrica não é e não existe qualquer indicação de que tenha sido antes uma instalação militar do Congresso Nacional Africano.* Depois de se referir a conversas mantidas com moradores da região, voltou a afirmar que os alvos atingidos eram todos civis e declarou-se convicto, uma vez mais, de que não havia nenhum indício da sua utilização como base pelos patriotas sul-africanos. Contrariando porém o testemunho de outros diplomatas que estiveram com o embaixador britânico nas áreas atacadas, Marais Steyn, para surpresa dos jornalistas em Londres, diria que John Stewart somente percorreu a região no dia seguinte à incursão.

Muito embora solicitando anonimato, um diplomata norte-americano afirmaria categórico que os locais bombardeados *não apresentam qualquer evidência de terem sido palco de qualquer actividade militar do ANC* e que o que realmente viu foram residências da população civil. Por sua vez, o embaixador francês Bernard Boyer corroborava as declarações do corpo diplomático e exigia que se ponha termo a estas violações, condenando-as pelo seu carácter gratuito. Idêntica posição foi assumida pelo embaixador da República Federal da Alemanha, Hasso Buchrucker. No discurso pronunciado no decorrer de uma recepção oferecida ao corpo diplomático no dia nacional do seu país, o representante de Bona afirmaria que os ataques visaram apenas cidadãos moçambicanos. Colocou ainda esta operação como parte de um conjunto de violações premeditadas de fronteiras e alertou que *tais actos de violência podem agravar de maneira perigosa as tensões na África Austral.*

A importância maior destas condenações reside no facto de que elas partem de representantes de governos ocupando uma posição importante no chamado «Grupo de Contacto», cuja complacência para com a política de Pretória em relação à Namíbia tem tido profundas consequências para a África Austral. Sinceras ou não, elas podem ser uma advertência ao governo «boer» de que há um limite para determinados tipos de desmandos.

A liberdade de movimentos destacada pelos embaixadores foi reconhecida pelos correspondentes estrangeiros que estiveram na área poucos momentos



Foto de Danilo Guimarães

Maputo: o funeral das vítimas da agressão transformou-se numa gigantesca manifestação de repúdio ao apartheid e aos seus crimes.

após a incursão. Depois de percorrer vários locais além dos propostos pelo governo, ficou mais que comprovado que a agressão se abateu sobre alvos civis, não havia nem há bases do ANC na região e muito menos as propagandeadas baterias de mísseis SAM-5.

Sul-africanos contra o «apartheid»

Numa entrevista concedida a *cadernos do terceiro mundo*, Bob Thati, destacado militante do ANC, desmentiria de forma firme as alegações de Pieter W. Botha de que a sua organização mantem bases, campos de treinamento ou qualquer outro tipo de centro militar em território moçambicano. Para ele, a minoria racista que controla o poder recusa-se a aceitar um facto muito simples: a luta contra o «apartheid» está sendo levada a cabo dentro da própria África do Sul. Este combate é dirigido unicamente por cidadãos sul-africanos que rejeitam o regime de discriminação racial — brancos, negros, indianos e mestiços. Em lugar de reconhecer que os seus dias estão contados, uma vez que a oposição interna tem dado mostras de uma grande capacidade operacional, o governo procura no exterior «provas» de que a luta levada a cabo pelos patriotas sul-africanos apenas existe porque estes contariam com a conivência activa dos Estados vizinhos.

A única coisa que podemos dizer sobre este ataque é que o inimigo, por causa do golpe que recebeu do ANC recentemente em Pretória, teve que fazer alguma coisa para tentar assegurar ao seu eleitorado que tudo está bem, acalmando-o, e ao mesmo tempo melhorar o moral dos seus soldados — declarou Thati. Depois de ridicularizar a versão sul-africana segundo a qual as instalações da fábrica de doces SOMOPAL seriam a camuflagem de um centro de operações do African National Congress, disse que a política agressiva da minoria racista branca tem como objectivo intimidar os países vizinhos, em particular os da Linha da Frente. Com isto, procura-se retirar qualquer apoio à luta popular conduzida sob a liderança do ANC e que diz respeito a toda a região.

Bob Thati afirmou em seguida que apesar das duras condições em que a luta se desenvolve dentro do seu país, ela prosseguirá até ser alcançada a queda do regime racista. O projecto de reformas proposto por Pieter W. Botha em nada virá modificar o actual panorama político em relação às vítimas do «apartheid». Ao assumir uma posição dura na defesa dos seus privilégios, o governo mergulha o país numa crise carregada de sombrias perspectivas.

Efectivamente, o regime sul-africano atravessa neste momento uma das suas mais difíceis etapas, questionado em todas as frentes pelo perigoso irrealismo da sua política e com a oposição armada firmando-se no terreno. Um dos maiores golpes sofridos pelo sistema ocorreu no dia 20 de Maio último quando a sessão do Parlamento dedicada à discussão do orçamento militar foi inesperadamente interrompida com uma tremenda explosão no Quartel General da Força Aérea. As instalações do complexo ficaram completamente destruídas e foram seriamente abaladas algumas construções em redor.

O abalo maior para o governo está em que no mesmo edifício funcionava a sede do Serviço de Contra-Inteligência Militar. O número oficial de militares mortos chegou a dezanove, enquanto os feridos se elevavam a duas centenas. Esta operação foi considerada como a mais importante das realizadas nos últimos tempos. Resumindo a posição da sua organização perante este acontecimento, Thabo Mbeki, responsável pelo sector de Relações Internacionais do ANC, afirmaria dois dias depois na Zâmbia que se trata de «uma acção militar contra um objectivo militar» e que os seus autores teriam que ser encontrados no interior mesmo da própria África do Sul.

A realidade dos factos esbarra porém na intransigência do governo de Botha. Nas suas emissões para o exterior, a emissora oficial sul-africana repetiria sem cessar nas semanas posteriores ao ataque contra Moçambique que os dirigentes de Pretória «tinham já perdido a paciência com os Estados da África Austral». Referindo-se às actividades desenvolvidas internamente pelo Partido Comunista, ANC e outras organizações de oposição, vinculou-as a certos «planos macabros» de Moscovo para afirmar que «existe uma acumulação de armamento e de forças subordinadas em redor da África do Sul» e que a situação se torna alarmante. Sem recorrer a meias palavras, os dirigentes racistas afirmam que ninguém se poderá admirar se novas incursões vierem a ser lançadas contra a República Popular de Moçambique, seguidas de outras visando o Lesoto e o Botswana. esta ameaça equivale, de facto, a uma verdadeira declaração de guerra. □

(*) Piloto: *Aqui é Mike Zero Zero One. Tenho uma importante mensagem para si. Diga ao seu Quartel General Militar que aviões estão conduzindo operações na área, estão a operar contra o ANC. Nós não temos nenhum conflito com o governo, da FRELIMO e qualquer interferência contra estes aviões resultará em retaliação imediata.*

Torre: *Diga outra vez. Diga primeiro o seu sinal da chamada.*

Piloto: *Aqui é Mike Zero Zero One.*

Torre: *Certo, Mike Zero Zero One. Diga outra vez a sua mensagem.*